

O velho e o novo. Os velhos e os jovens.

Paulo Timm – A FOLHA, Torres RS, 21 Jun

"Sem atrito dialético, paciência argumentativa e mediação política, o futuro fica em suspenso."

<http://ano-zero.com/qualidade-da-democracia/>

Marco Aurélio Nogueira - 25 de outubro de 2016 - A QUALIDADE DA DEMOCRACIA TEM A VER COM VOCÊ

"Os jovens, incrivelmente, não lideram mais vanguarda alguma. Pelo contrário, lideram a retaguarda, o atraso, o anacronismo. O frei Luiz Carlos Susin, teólogo de 68 anos e admirador do papa Francisco, costuma dizer que a geração dele transgrediu tanto que, para muitos jovens de hoje, a forma mais genuína de transgredir é retrocedendo. Faz sentido."

Paulo Germano, publicada por GaúchaZH, 15-06-2018

Os jovens que não

Li, recentemente, depoimento de um brasileiro recém chegado à Londres, no qual observa algo, no mínimo, surpreendente. Por todos os cantos da cidade, pelos quais transitava, via algum tipo de manifestação popular. Uns contra o BREXIT, outros a favor de ilegais, outros contra tentativas de mudança no invejável sistema de saúde pública do Reino Unido. Em todos eles, relata o viajante, percebia uma forte predominância de mulheres idosas e poucos jovens. Daí sua reflexão sobre o que está acontecendo com o mundo quando os jovens se retraem e os mais velhos é que saem às ruas para fazer da democracia algo mais além do voto: O protesto. Uma resposta seria o efeito "Maio de 1968". A geração que passou por aquela década – e aquele ano - , de grandes transformações em todos os campos, começando pelo pequeno passo sobre o solo lunar – "um grande salto para a humanidade" no rumo das estrelas - até a revolução sexual , promovida pela pílula, não envelhece. Morre, por certo, ainda distante da imortalidade, mas sem pranto, à vista da percepção de ter vivido e gozado um dos momentos mais libertários da civilização. Nem a conservadora Igreja de Roma escapou do vendaval. O Concílio Vaticano II, sob João XXIII, assim se definiu:

"A Igreja sempre se opôs a erros, muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor as necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações".

Aquele, foi, enfim, um tempo de afirmação da autonomia das consciências, ainda movida pelos ideais da razão iluminista, sobre a tradição. Uma renovação, em sentido amplo, naquilo que um filósofo marxista contemporâneo denomina verdadeiro "acontecimento". Os jovens, aparentemente, comandavam o espetáculo, para espanto de seus pais e avós ainda desconfiados com tamanhas liberalidades.

Passaram-se 50 anos e muitas daquelas liberdades refugiaram-se na vida estritamente privada: Cuidados de si, para si mesmo. O que parecia um novo umbral da História, congelou-se como conquistas meramente individuais de gerações mi-mi-mi, lamurientas,

EM VEZ DE RESMUNGAR

<http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/191539/em-vez-de-resmungar-ou-lastimar-va-atras-daquilo-q.htm>

O grande avanço tecnológico, de outra parte, sublinhou a importância da eficiência tópica, como categoria de meios, sobre reflexões mais abrangentes sobre os sentidos últimos da existência e da História. Com seu extremo dinamismo instaurou o império da novidade, confundindo-o com o novo, sempre mais arriscado e incerto

- <http://marcoanogueira.blogspot.com.br/2014/09/novo-novidade-renovacao.html> - .

As mudanças levaram às últimas consequências a afirmação do "ente" como pé de página do "ser", no rastro do fim da metafísica de Heidegger. Constituímos, todos, mas sobretudo as novas gerações, como elos de uma cadeia inevitável de realidades provisórias: fazemos investimentos na nossa educação, saúde e aparência física como um meio de sobreviver melhor no mundo do consumo, fazemos poupança para um futuro pessoal mais seguro, atravessamos diversas relações amorosas até nos fixarmos num parceiro, por um período de tempo, odiamos tudo o que se refere ao público, ao humano e ao Estado.

"A crise do humanismo em nossa época tem, sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições. No mundo, em que as coisas estão em seu lugar, em que os olhos, as mãos e os pés sabem encontrá-las, em que a ciência prolonga a topografia da percepção e da práxis, mesmo ao transfigurar seu espaço; nos lugares onde se localizam cidades e campos que os humanos habitam, ordenando-se, segundo diversos conjuntos, entre os entes; em toda essa realidade 'correta', o contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados - em que a política e técnica resultam na negação dos projetos que os norteiam - mostra a inconsistência do homem, juguete de suas obras. Os mortos que ficaram sem sepultura nas guerras e os campos de extermínio afixam a ideia de uma morte sem amanhã e tornam tragicômica a preocupação para consigo mesmo e ilusórias tanto a pretensão do animal rationale a um lugar privilegiado no cosmos, como a capacidade de dominar e de integrar a totalidade do ser numa consciência de si."

(E. Levinas cit por Grégori Elias Laitano, FB 21 jun 2018)

Fiquei alarmado, outro dia, ao contestar o discurso governamental da crise da Previdência, reafirmando a lógica de se iniciar a análise da matéria a partir do compromisso ético das novas gerações frente às passadas, as quais, com seu trabalho, muitas vezes pesado, sob condições sociais e legais adversas, haviam contribuído para elevar a produtividade do sistema econômico permitindo elevação cada vez maior da renda e dos salários. Replica um jovem: - "Eu quero que meu avô morra, se ele não foi capaz de investir no seu futuro..." Oressa, os tempos eram outros. Senão dourados, marcados pela ideia de que se algo escapasse aos olhos dos homens, não escaparia ao olhar dos deuses. Da eternidade, na Cidade de Deus, onde repousa o insignificante bem que, só por persistência, sobreviveu à luta contra o gigantesco mal terreno.

Leio, a propósito, outra notícia igualmente estarrecedora: Os jovens seminaristas odeiam o discurso de tolerância do Papa Francisco
- <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580009-os-jovens-que-nao-gostam-do-papa-francisco> . Lamentável. Querem o retorno aos tempos anteriores ao Concílio Vaticano II: Dogmas, sob o acicate das mortificações
- <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577687-as-novas-velhas-faces-do-conservadorismo-catolico> . Jovens são também, no Brasil, os eleitores de candidatos tradicionalistas e autoritários às eleições presidenciais
- <https://oglobo.globo.com/brasil/entenda-que-sustenta-pensamento-de-jovens-de-16-24-anos-que-votam-em-bolsonaro-22721699> .

Seria o caso de se perguntar: - Não estarão os nossos jovens confundindo o novo com mera novidade, sem se dar conta de que nem tudo que é velho é ruim e nem tudo o que é novidade é necessariamente novo? Um historiador americano Tony Judit antecipou em seus livros tudo isso e tenta explicá-lo à luz da perda de memória dos mais jovens. Eles dizem que tudo deu errado, sem se dar conta de que usufruem um mundo melhor do que os avós e sem saber como isso tudo aconteceu graças à Política. Apostam que o Brasil não deu certo e dizem que querem emigrar, sem se darem conta que saímos de um fazendão escravocrata de café em 1989, com pouco mais de 10 milhões de almas, para uma das *players* mais sofisticadas do mundo, com mais de 200 milhões de brasileiros. Será que tudo foi obra do acaso? Ora, até sabemos que as mudanças ocorrem também em razão de acidentes aleatórios, mas, mais das vezes, na História, elas são frutos do engenho e arte daqueles que fizeram da herança a matéria prima da civilização. Vamos com calma... Mas, se minha geração "protestante" está morrendo sem herdeiros, do que será feito o futuro? De avatares desmemoriados? Meu Deus! O Brasil não cabe em Portugal. Dai-me Senhor, mais alguns anos para tentar explicar ao mundo que somos feitos de estórias, não átomos, como queria Eduardo Galeano. E para pensar, transgredir e protestar, segundo o decálogo proposto por Marco Aurélio Nogueira: